

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

REGULAMENTO DA 10.^a EDIÇÃO — 2014/2015

DIÁRIO DA VIAGEM AOS E.U.A., 1960

FERNANDO TÁVORA

ABRIL, 9, SÁBADO

DIA GRANDE! UMA BELA MANHÃ
DE PRIMAVERA.

Às 9 e pouco estava a perguntar ao homem do Hotel o caminho para Taliesin. “Talvez tomando um bus para Spring Green...”, o melhor é perguntar ali em frente. Lá fui ao bus. Sim senhor, às 10:45 e está às 11:54 em Spring Green. A viagem correu normalmente. A paisagem bonita, com grandes campos e colinas suaves.

Spring Green é uma pequena aldeia rural.

Quando saí do bus sabia apenas que estava em Spring Green, nada mais. Achei por bem dirigir-me ao edifício dos Correios, ali perto da paragem do bus. Perguntei à Senhora: “Pode dizer-me como posso ir a Taliesin?” “Tem de voltar para trás e atravessar a ponte nova, mas agora não está lá ninguém; eles ainda não voltaram”. (A Senhora julgava que eu tinha carro e além disso que os queria ver). “Mas eu não tenho carro, não é possível alugar um táxi, ou ir a pé?”; “A pé? São umas 6 ou 7 milhas e táxis... não me parece possível...” Entrou então

na conversa um homem de idade que depois soube ser o marido da Senhora (o Correio estava mesmo para fechar); o homem coçou o queixo e insistiu. “A Taliesin, mas o Sr. não vê nada e aqui não há táxis...; talvez numa garagem arranje alguém que o leve...”. “Não tenho pressa, disse, queria almoçar primeiro e seguir depois; volto para Madison às 7 e tal, portanto tenho muito tempo”. “Almoçar? Só se comer uma sandwich, ali (e apontou-me uma casa) porque aqui não há restaurantes... mas o mais difícil é ir a Taliesin...”; “...nem que eu tenha de ir a pé, vim de Portugal para ver Taliesin...”. O argumento foi decisivo. O homem disse-me então: “Há-de se arranjar transporte...”. Neste momento parou um carro em frente ao Correio e o velhote deu-me um pequeno empurrão e disse: “Peça àquele senhor, talvez ele possa lá ir...”. Cheio de coragem (a necessidade faz milagres) avancei e perguntei: “Please Sir, are you going to Taliesin?” “I? Not now” e avançou sem me ligar importância. O velho então entrou em acção e contou-lhe a minha desdita; “Mas eles não estão lá, está tudo fechado” - “Mas eu tenho de ir...” - “Vá então almoçar e à meia hora eu vou buscá-lo ali”. Dei um suspiro de alívio; se o Correio fechava sem eu resolver o meu problema não sei o que seria de mim.

Para “variar” comi “hamburger” e bebi um copo de cerveja e à hora combinada estava cá fora. O homem apareceu pontualmente.

Entramos no carro e eu contei-lhe com mais pormenor a minha história; “mostro-lhe tudo, conheço muito bem Taliesin e conheci Mr. Wright; trabalhei com ele algumas vezes...”

“O caminho agora é mais longo porque construíram uma ponte nova e é preciso ir à “highway”. Lá saímos de Spring Green, entramos na dita “highway” num percurso pequeno e metemos à direita; “aquela pedra foi ali posta há tempos por Mr. Wright, naturalmente para gravar alguma coisa, mas nada fizeram depois dele morrer...” “E pode ver-se o sítio onde ele está enterrado?” “Pode, está junto de uma pequena capela, eu mostro-lhe” - Fomos andando. Em certa altura o homem parou o carro e mostrou-me o sítio da velha ponte sobre o rio; “foi nesta estrada que morreu a filha de Mr. Wright, um desastre de automóvel, há anos; aqui (e centrou-me o lado oposto ao rio). Mr. Wright comprou uma “farm” e começaram a construir um edifício, creio que para um restaurante; ele queria construir sobre a estrada, mas “eles” não deixaram...”

Vi então a estrutura de um edifício que domina todo o rio e cuja construção deve estar suspensa já há tempo. “É possível que a “fellowship” acabe a construção. Eles querem continuar os trabalhos de Mr. Wright...”

Seguindo um pouco e ao fim de uns segundos eu via, cortando o ponto mais alto de uma colina, a casa de Wright; afastada, uma outra colina, mas situado

na encosta, o conjunto de edifícios vermelhos (dum vermelho terra), de uma “farm”. É um momento que não posso esquecer, o desse primeiro contacto com Taliesin. A paisagem sem ser grandiosa é grande e os edifícios sem serem grandes sentem-se perfeitamente na paisagem sem, de qualquer modo, a desvalorizarem. A ideia de Taliesin como uma construção desfez-se nesse momento no meu espírito; Taliesin é uma paisagem, Taliesin é um conjunto, em que é porventura difícil distinguir a obra de Deus da obra dos Homens. Devo dizer, além disso, que o sítio é duma beleza surpreendente...

Mas o senhor não me dava tempo para pensar; vamos ver agora o sítio onde Mr. Wright está enterrado. Seguimos. Passamos pela entrada da casa, cá em baixo, e vimos uma grande represa, água doce. “Quando Mr. Wright cá estava aquilo estava sempre cheio de água...” Metemos à esquerda e apareceu-nos então uma pequena capela, muito simples, com um campanário, construída em madeira. Parámos e o homem avançou. “Está aqui”. Disse prosaicamente. Ao lado da capela vi então um pequeno cemitério. Mais próximo da entrada a campa de Wright: pequenas pedras limitavam um rectângulo envolvido por um círculo, construído do mesmo modo; num dos vértices do rectângulo nasce da terra uma pedra, igual a tantas daquelas que ele usou nos seus edifícios, de forma irregular, mas cuja secção aumenta à medida que se levanta; não sei se há

qualquer simbolismo naquela pedra, eu permiti-me encontrá-lo. Atrás, uma pequena pedra, protegida por uma árvore, tem gravada esta inscrição:

MAMAH
BORTHWICK
CHENEY
1869
1914

É o túmulo de MAMAH, a mulher assassinada e queimada em Taliesin que Wright enterrou naquele lugar.

Não longe outra pedra gravada:

ANNA LLOYD WRIGHT/BELOVED
MOTHER OF/FRANK, JANE AND
MAGINEL/SHE LOVED THE TRUTH
AND SOUGHT IT.

Ali repousa a mãe de Wright, a cuja família pertencera Taliesin.

Afastada, uma coluna branca, tem inscrito o nome JONES, creio que o avô de Wright.

Aqui e ali mais túmulos de pessoas que, pelos nomes, se verifica pertencerem à mesma família.

O sítio é extraordinariamente tranquilo e Taliesin vê-se ao longe.

Não escondo que as lágrimas me vieram aos olhos.

Mas o homem queria mostrar-me coisas...

"Vou agora mostrar-lhe outra quinta que Mr. Wright comprou..." Lá fomos

ver mais um conjunto de edifícios. Ai nem saímos do carro. Um dos edifícios tinha o toque do Mestre. Os outros eram tradicionais edifícios da região.

"Agora vou mostrar-lhe a escola onde eles trabalhavam..." voltamos para trás, passamos novamente pelo pequeno cemitério e metemos por um desvio; por todos os lados letreiros diziam "No hunting, no trespassing". "No visitors, closed until May", mas nós avançamos. O carro parou e eu como um louco avancei para o edifício, cuja localização aliás tinha pressentido da estrada; que dizer? Só posso dizer que fiquei maravilhado "Ali é o estúdio, ali atrás têm um teatro, vá e veja...". Fui e espreitei pelos vidros; lá estava a conhecida sala de trabalho, tendo na entrada uma grande fotografia de Wright e um poema de Walt Whitman.

Espreitei o teatro; um biombo japonês, o balcão de Wright, o palco... tudo parado... nem valmalma... mas os espaços falavam com um impacto extraordinário. Contornei o teatro e encontrei um terraço debruçado sobre a pequena colina. Na escada que dá acesso à entrada do estúdio uma pequena escultura de Wright bate exactamente com o edifício. Não cuidei de ver pormenores mas presenti em tudo uma riqueza de formas, dum à vontade que nunca encontrara na arquitectura contemporânea.

Senti-me na Idade-Média, na Grécia ou no México, na presença de uma Catedral, de um Panteão ou de um templo azteca, tal é a integridade daquela ar-

quitectura. Vi o mais que pude. Mas o homem já estava dentro do carro com o motor a trabalhar...

Voltamos à estrada. “Quer ver outra casa, dum arquitecto que trabalhava com Mr. Wright e comprou aqui uma quinta?” Com certeza. Lá fomos. Um rico jogo de edificios na paisagem, a nota de Wright por toda a parte.

“Aqui vamos ver aquela quinta perto da casa”. Novamente no carro subimos a pequena encosta até à quinta. Num ou noutro pormenor, Wright lá estava. Quando descemos da quinta o homem apontou para outra encosta e disse: “Ali é a casa da irmã, também foi projectada por ele... mas está muito abandonada...”. Não insisti para irmos lá, tão amável era o homem. Mas vi nesse momento, mais uma vez e melhor do que nunca, o velho moinho, o Romeu e Julieta que Wright desenhara nos princípios da sua carreira...

Descemos. Sempre a paisagem magnífica, grande mas não desproporcionada, uma cor de amarelo queimado em tudo...

“E agora a casa...”. Passamos pela estrada principal mas ele achou melhor irmos pela entrada de serviço. Começamos a subir e por entre a vegetação comecei a descortinar planos vários de paredes e de coberturas lá em cima. Os avisos sucediam-se: “no visitors... no trespassing... no hunting... closed until May...”

Entramos num pátio de serviço, onde estavam vários automóveis. Saí, vi e fiz umas fotografias, mas não tive coragem de avançar.

Senti que já tinha compreendido Taliesin e estava emocionalmente extenuado.

Sentei-me no carro e disse ao homem: “é melhor não abusar”. Cá em baixo a água corria, no topo de um muro por grandes tubos de grés colocados em fiada...

Eu estava realmente extenuado.

Vimos mais uma “farm” de Mr. Wright, despedi-me de tudo aquilo e voltamos para a aldeia.

O homem tinha tomado conta de mim há meia hora e deixou-me exactamente duas horas depois.

Quando me deixou eu estava longe de mim e longe de tudo.

Resolvi sair da aldeia e avançar pelo campo. Tomei uma estrada poeirenta onde passava de vez em quando um carro.

Então chorei como uma criança... Taliesin não me saía (nem me sairá) dos olhos; até a cor do pó da estrada me lembrava Taliesin. Avancei pela estrada não sei até onde. Não podia pensar concretamente. Qualquer coisa se apoderara de mim. Sentei-me algures. Descansei.

Lágrimas várias: Notre Dame, Chartres, Córdova, Capela de Miguel Ângelo - “olhos que nunca se molham mas vêem quando olham...” (A^o. Lopes Vieira).

Tinha razão o poeta: “olhos que nunca se molham não vêem quando olham”. Naquelas duas horas eu tinha sofrido, estou certo, um dos maiores choques, talvez o maior da minha vida de arquitecto.

Taliesin, disse já, é mais do que um edificio, uma paisagem; mas acrescento

agora: Taliesin é também uma vida e uma filosofia. Eu compreendi Wright e o seu chapéu, compreendi as suas formas e o seu amor à terra, o seu pensamento e o sentido das suas coisas... E ao sentir toda aquela vida de criação, tomei também contacto com outra realidade: a da morte do Homem no lugar do seu sonho.

Porque exactamente Taliesin impressionou-me pelo que possui de total, de cósmico, pelo que existe ali para além da pedra, da madeira, deste ou daquele requinte da forma.

Tudo se esquece ali de accidental da vida de Wright: os seus caprichos formalistas, a sua vaidade, o custo das suas obras, os seus automóveis, as suas pequenas coisas do dia-a-dia;

tudo esquece a quem vir Taliesin como eu tive a oportunidade de ver e Taliesin aparece então com a força de uma rocha, a beleza de uma flor ou a calma de um lago.

Taliesin, além de me fazer chorar durante as primeiras reacções, obrigou-me a pensar muito.

Um dia ouvi o Sr. Giedion dizer com um sorriso, a propósito da “famigerada” integração das artes, que “Mr. Wright afirma não existir para ele tal problema porque ele é pintor, escultor e arquitecto”.

Estou convencido que a integração das artes pela qual a entendem os funcionalistas é coisa estúpida (o Harvard Graduate’s Center é mais uma prova evidente) e estou convencidíssimo de que Wright resolveu o problema como

foi resolvido, aliás, nos velhos tempos, onde começa a arquitectura e acaba a escultura ou a pintura nos edifícios de Wright? E onde acaba a arquitectura e começa o paisagismo ou o urbanismo? Ninguém sabe.

Este homem consegue nos seus edifícios integrar as artes como o fizeram os góticos, por exemplo, e veio provar-me de que é possível (embora com génio) resolver o tal dilema a que já me referi neste diário: dum lado, o funcionalismo mais ou menos prosaico nas arquitecturas, e do outro os museus cheios de pinturas e de esculturas mais ou menos modernas.

E Taliesin é também uma lição no que respeita à prisão dum edifício aos valores naturais e humanos. Ali uma família e um Homem presos a uma terra, um conjunto de edifícios nascendo duma paisagem, a tudo presidindo um pensamento e uma forma. Ali uma força enorme liga coisas e seres. E pensar eu que vi um templo indiano e uma casa de chá japonesa no Museu de Philadelphia e claustros românticos em Nova Iorque!

O poder de integração em Taliesin é tão forte que chega a ofender-se Deus pensando que Wright também foi o criador daquela paisagem!

Vi muita coisa na América até hoje: desde as melhores Racket Girls do mundo, até à altura do Empire State, vi estatísticas e números e cadeias de montagem, vi edifícios e arquitecturas, vi museus e planos, vi highways e prosperidade por todo o lado: mas a poesia, a humanidade e a gran-

deza, só as encontrei em Wright. Tudo o que vi compreendi pela inteligência; aqui o pouco que vi permitiu-me sentir tudo sem nada me ter sido explicado.

Os edifícios de Taliesin não são crianças em idade; alguns terão os trinta ou quarenta anos, o que aliás o seu estado de conservação deixa adivinhar, no entanto, mesmo que estivessem em ruínas, conteriam ainda um grande poder de expressão, como vi monumentos do passado; o que seria uma ruína da Vila Savoie ou uma ruína do Seagram Building? O tempo em Taliesin joga a forma da arquitectura e da paisagem, o que creio não acontecer em 90% da arquitectura moderna.

Vi há tempos a casa de Gropius em Lincoln: quando vi Taliesin, a casa de Gropius pareceu-me um frigorífico pou-sado numa colina!

Não há dúvida que o Zevi tem razão: o Sr. Giedion enganou-se, ao pôr Wright no princípio e Le Corbusier no fim do seu livro; foi um pequeno engano... de pôr tudo ao contrário. E o mundo sente, todos nós sentimos (e eu chorei por isso mesmo) que me falta qualquer coisa, que a máquina está perturbada, que o caminho não é exactamente este e que os anos passam...

Estamos a fazer uma arquitectura de "esqueletos decorados"; e Wright conseguiu criar organismos. Quem se atreve a discutir a forma de um dedo, a cor de uma flor ou o bico de um pelicano? São assim...

porque são assim.

É isso que nós precisamos de fazer em lugar de andar a vestir esqueletos com pinturas e esculturas ou a apresentar os esqueletos em pêlo como se um animal fosse apenas o seu esqueleto ou a qualidade dum vinho pudesse apreciar-se pela fórmula química que o representa...

Está tudo doido.

Enfim, isto é um pouco, muito pouco, do muito que meditei sobre Taliesin.

Lá repousei pelos campos desse Wisconsin que ele tanto amara e pelas cinco horas voltei a Spring Green. Comi alguma coisa (o mesmo hambúrguer, idêntico copo de cerveja) e vim para a estrada esperar o bus.

Estava já mais calmo mas longe ainda de estar calmo. E tão aéreo ainda que o bus passou e só quando passou é que lhe fiz sinal para parar. O homem ficou zangado e parou muito longe porque vinha largadíssimo.

Enfim cheguei a Madison perto das 8 da noite.

O dia tinha sido extraordinariamente forte. Quando me deitei ainda as pernas me tremiam e ainda os olhos estavam molhados.

(Soube hoje, 11 de Abril, que no dia 9 em que visitei Taliesin fazia exactamente um ano que Wright morreria; talvez por isso mesmo a sua presença era tão forte neste dia...).

REGULAMENTO

PONTO 0

Em homenagem ao arquitecto Fernando Távora, em memória da sua figura que influenciou gerações sucessivas de arquitectos pela sua actividade enquanto arquitecto e pedagogo, a Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Norte (OA–SRN) decidiu promover um prémio anual de uma bolsa de viagem destinado a todos os arquitectos inscritos na Ordem dos Arquitectos, no pleno uso dos seus direitos. A selecção da melhor proposta de viagem de investigação apresentada será da responsabilidade de um Júri nomeado todos os anos para o efeito.

Desde estudante e durante toda a sua vida, Fernando Távora viajou incessantemente para estudar *in loco* a arquitectura de todas as épocas em todos os continentes, utilizando-a, desde 1958 até 2000, como conteúdo e método da sua actividade pedagógica. As suas aulas e a sua prática projectual consolidaram, em sucessivas gerações, em Portugal e no estrangeiro, a ideia de que o conhecimento da História e da Cultura são indispensáveis para a produção da Arquitectura Contemporânea.

Simultaneamente, é a própria prática da arquitectura que hoje se desenrola cada vez mais no palco mundial, transcendendo largamente os contextos locais. Arquitectos de todo o mundo contribuem com propostas para outros países,

outras culturas, e nesta realidade global, de intensas trocas de experiências, é importante preparar os arquitectos através de experiências reais de confronto *in loco*.

Cumprir-se-á, assim, uma das heranças do arquitecto portuense: a extraordinária capacidade de investigar sobre o sentido das coisas, as suas raízes, a grande curiosidade pelo outro, ancorada numa forte ligação ao seu contexto de origem, na defesa da dignidade do Homem e respeitador das suas diferenças.

O Prémio Fernando Távora destina-se a perpetuar a memória do arquitecto, valorizando a importante contribuição da viagem e do contacto directo com outras realidades na formação da cultura do arquitecto.

O Prémio é lançado todos os anos no Dia Mundial da Arquitectura (1ª segunda-feira de Outubro), com a apresentação do Júri para o ano seguinte e o/a arquitecto/a premiado/a deverá nessa data proferir uma conferência de apresentação da viagem efectuada.

Para a edição de 2014/15 a bolsa terá um valor de € 6.000,00.

O Júri da décima edição do Prémio será constituído pelo escritor Valter Hugo Mãe, pelos arquitectos Manuel Botelho, João Luís Carriho da Graça (nomeado pela Casa da Arquitectura), Pedro da Rocha Vinagreiro (em representação da OASRN) e pela Dra. Luísa Távora (designada pela família do Arquitecto Fernando Távora).

REGULAMENTO

PONTO 1

INSTITUIÇÃO E OBJECTO

1.1.

O Prémio Fernando Távora é instituído pela Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Norte (OA-SRN) desde 2005, sendo organizado actualmente em parceria com a Câmara Municipal de Matosinhos (CMM) e a Casa da Arquitectura (ACA), contando com o patrocínio, nesta 10.ª edição, da AXA Seguros.

1.2.

O Prémio Fernando Távora consiste na atribuição de uma bolsa de viagem à proposta seleccionada pelo Júri nomeado para o efeito, tendo como objectivo incentivar e valorizar a Viagem de Investigação enquanto instrumento de formação do arquitecto.

1.3.

O Prémio Fernando Távora é atribuído anualmente através de um concurso nacional.

PONTO 2

NATUREZA DO PRÉMIO

2.1.

Será atribuído um prémio único no valor de € 6.000,00 (seis mil euros), líquidos.

2.1.1.

Não serão atribuídos prémios “ex-aequo”, nem menções honrosas.

2.1.2.

O Prémio Fernando Távora poderá não ser atribuído caso o Júri entenda que nenhuma das candidaturas apreciadas reúne condições para o receber.

2.2.

O vencedor do Prémio Fernando Távora será anunciado publicamente na primeira segunda-feira do Mês de Abril – ver o ponto 10.1. c) do Regulamento), procedendo-se nessa data à sua entrega.

2.2.1.

Ao vencedor do Prémio compete:

- a) A preparação de um registo sobre a viagem efectuada, que pode assumir diferentes suportes (por ex: diário, caderno de esquisso, pps.show, vídeo) e que poderá vir a ser objecto de publicação, pelo que deverá ser feita a devida referência às fontes utilizadas, assim como deverão ser assegurados os direitos de autor das imagens e fotografias que integrem o documento;

- b) Este registo deverá conter elementos que personalizem/individualizem a viagem realizada, como fotografias da autoria do Vencedor, testemunhos/entrevistas com a população autóctone, outros;
- c) Proferir até três conferências públicas sobre a viagem realizada, sendo a primeira no Dia Mundial da Arquitectura (primeira segunda-feira do mês de Outubro), em local a definir. Considera-se que os custos de eventuais deslocações para apresentação desta conferência deverão estar incluídos no valor da bolsa atribuída, sendo que eventuais despesas para apresentação das conferências noutros locais serão asseguradas pela organização;
- d) Este documento deverá ser entregue até ao 10.º dia (seguido de calendário) anterior à data da conferência pública referida na alínea seguinte.

2.3.

No dia referido na alínea c) do ponto anterior será anunciada a constituição do Júri para o Prémio do ano seguinte.

PONTO 3

CONDIÇÕES DE PARTICIPAÇÃO

3.1.

O Prémio Fernando Távora é aberto a todos os arquitectos inscritos na Ordem dos Arquitectos (OA), efectivos e com a inscrição activa, ou honorários.

3.1.1.

Os membros que se encontrem em situação de suspensão da inscrição na OA deverão solicitar antecipadamente ao respectivo Conselho Regional o termo da suspensão, de forma a garantirem a condição de membros activos à data de entrega da candidatura.

3.2.

Só é permitida a apresentação de uma proposta por concorrente.

3.3.

São permitidas propostas em co-autoria, desde que todos os autores respeitem as condições de participação definidas.

3.4.

Estão impedidos de participar:

- a) Os membros do Júri;
- b) Os membros dos Órgãos Directivos da OA e da ACA e os elementos do Executivo Municipal da CMM;
- c) Os assessores e funcionários da OA-SRN e da ACA;
- d) O cônjuge, parente ou afim em 2º grau da linha directa ou colateral e os sócios dos elementos referidos nas alíneas a), b) e c) do presente ponto.

REGULAMENTO

PONTO 4

FORMALIZAÇÃO DA CANDIDATURA

4.1.

DOCUMENTOS DE IDENTIFICAÇÃO DO CANDIDATO

O Candidato deverá entregar os elementos indicados abaixo:

- a) Formulário de Candidatura, que se disponibiliza no site da OASRN, devidamente preenchido;
- b) Cópia da Declaração de Inscrição emitida pela Ordem dos Arquitectos, actualizada;

Caso a proposta seja elaborada em co-autoria, deverão ser apresentados os documentos referidos nas alíneas a) e b) anteriores para cada um dos autores.

4.2.

PROPOSTA DE VIAGEM

A Proposta de Viagem deverá ser obrigatoriamente redigida em língua portuguesa e constituída pelos seguintes elementos:

- a) Título e Sinopse da Proposta de Viagem, com um máximo de 1.500 caracteres (incluindo espaços), em formato de texto editável;
- b) Roteiro/Plano de viagem detalhado;

- c) Texto justificativo sobre a pertinência da Viagem Proposta, com um máximo de 3 páginas A4 e 7.500 caracteres (incluindo espaços).

4.3.

CURRICULUM VITAE

Curriculum Vitae resumido numa página A4, com um máximo de 2.500 caracteres (incluindo espaços), do autor ou autores da proposta.

4.4.

CD-ROM

Para efeitos de Arquivo e divulgação da Proposta Premiada, deverá ser organizado um CD-Rom com os seguintes elementos:

- a) Fotografia do Candidato ou Candidatos, em formato JPEG, 300 dpi de resolução;
- b) Breve biografia em formato de texto editável, com um máximo 1.500 caracteres (incluindo espaços);
- c) 1 a 3 imagens que documentem a Proposta de Viagem (formato JPEG, 300 dpi de resolução), identificadas com os respectivos créditos fotográficos e legenda;
- d) Proposta de Viagem contendo os elementos descritos em 4.2., em formato de texto editável.

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

PONTO 5

MODO DE APRESENTAÇÃO DA CANDIDATURA:

5.1.

Dos elementos definidos nos pontos 4.2 e 4.3 deverão ser entregues cinco exemplares, em formato A4, organizados por processo que impeça a separação de folhas.

5.2.

Os elementos de formalização de candidatura, descritos em 4.1.b), 4.2, 4.3 e 4.4, deverão ser encerrados num único invólucro, opaco e fechado, dirigido ao Júri do Prémio e mencionando sempre o remetente.

5.3.

O Formulário da Candidatura, referido em 4.1.a), deverá ser apresentado no acto de entrega da proposta, devidamente preenchido, de modo a que possa ser validado e funcione como comprovativo da entrega.

PONTO 6

ENTREGA DE CANDIDATURA

6.1.

Todo o processo deverá ser entregue até ao último dia do prazo previsto no ponto 10 (Calendarização), nas sedes Regionais da Ordem dos Arquitectos, dentro do horário de funcionamento das respectivas secretarias.

6.2.

No acto de entrega das propostas será validado o Formulário da Candidatura, referido em 4.1.a), que mencionará sempre a data, a hora e o número de ordem de entrada.

6.3.

No caso de envio por serviços postais, o mesmo terá de ser efectuado até às 24h00 (GMT Lisboa) do prazo definido no Calendário, e enviado por correio registado com aviso de recepção, que servirá de recibo e prova da data de entrega.

6.4.

A OA-SRN apenas validará as propostas recebidas por via postal até ao 15.º dia (seguido de calendário) contado a partir do termo do prazo para entrega das candidaturas.

PONTO 7

JÚRI

7.1.

O Júri é renovado integral ou parcialmente todos os anos, e é composto por cinco elementos, sendo três nomeados pelo Conselho Directivo da OA-SRN (CDRN), devendo incluir obrigatoriamente um elemento do CDRN e uma figura de relevo cultural, externa ao campo disciplinar da Arquitectura, um designado em conjunto pelo CDRN e pela família do Arquitecto Fernando Távora, e um nomeado pela ACA.

REGULAMENTO

7.2.

Os membros do Júri devem eleger, entre si, o Presidente e definir o método de aplicação dos critérios de selecção.

7.3.

Da reunião do Júri é elaborada uma acta que, depois de aprovada, será por este assinada.

7.4.

O Júri pode ser assessorado na redacção da acta por elemento(s) da OA-SRN designado(s) para o efeito.

7.5.

Os membros do Júri avaliarão cada um dos trabalhos concorrentes tendo como base os critérios de selecção, devendo as suas apreciações/fundamentações constar da respectiva acta.

7.6.

Todas as deliberações são tomadas por maioria simples de voto, não havendo lugar a abstenções.

7.7.

Da decisão do Júri não haverá recurso.

7.8.

A decisão final do Júri será tornada pública na data prevista para o anúncio do Vencedor do Prémio Fernando Távora.

7.9.

O Júri é assessorado pelos Pelouros da Encomenda e da Cultura da OA-SRN, que procederão à verificação prévia do cumprimento das condições de participação.

PONTO 8

CRITÉRIOS DE SELECÇÃO

A apreciação dos trabalhos concorrentes e a sua selecção será feita com base nos seguintes critérios de Avaliação da Candidatura:

- a) Excelência da proposta de Viagem enquanto esforço criativo e de investigação;
- b) Clareza e especificidade da Viagem planeada e sua plausibilidade;
- c) Medida em que a Proposta de Viagem pode:
 - c1) Permitir ao arquitecto retomar cursos imaginativos ou intelectuais da sua investigação na prática disciplinar;
 - c2) Apoiar trabalhos individuais de investigação em curso.

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

PONTO 9

EXCLUSÕES

9.1.

São considerados motivos de exclusão:

- a) A entrega ou recepção das candidaturas fora dos prazos estipulados;
- b) O não cumprimento das condições de participação descritas no ponto 3;
- c) A não entrega de qualquer um dos elementos de formalização de candidatura solicitados no ponto 4, excepto se a sua falta não for fundamentadamente considerada essencial pelo Júri;
- d) O não cumprimento das regras definidas pelo presente Regulamento.

PONTO 10

CALENDARIZAÇÃO

10.1.

EDIÇÃO 20014/2015

- a) Apresentação do Regulamento e abertura do Prémio
06 de Outubro de 2014
- b) Data limite de entrega das candidaturas ao Prémio
02 de Fevereiro de 2015

- c) Anúncio do Vencedor do Prémio
09 de Abril de 2015*

- d) Entrega do Registo de Viagem
25 de Setembro de 2015

- e) Conferência do Vencedor, Anúncio público da constituição do Júri e abertura do Prémio para o ano seguinte
05 de Outubro de 2015 (Dia Mundial da Arquitectura)

10.2.

EDIÇÕES SEQUENTES

- a) Conferência do Premiado, Anúncio público da constituição do Júri e abertura do Prémio para o ano seguinte
Dia Mundial da Arquitectura (Primeira segunda-feira do Mês de Outubro)
- b) Data limite de entrega das candidaturas ao Prémio
Primeira segunda-feira do Mês de Fevereiro
- c) Anúncio do Vencedor do Prémio
Primeira segunda-feira do Mês de Abril
- d) Entrega do Registo de Viagem.
Dez dias antes do dia Mundial da Arquitectura

* Como em 2015 a primeira segunda-feira do mês de Abril coincide com a segunda-feira de Páscoa, a data de Anúncio do Vencedor foi alterada, excepcionalmente, para o dia 9 de Abril, quinta-feira.

REGULAMENTO

A OASRN reserva-se o direito de alterar as datas estipuladas sempre que justificável, por motivos de força maior ou por concordância unânime do Júri, caso em que se procederá nos termos previstos no ponto 12.1. d).

PONTO 11

PROPRIEDADE E DIREITOS DE AUTOR

11.1.

Passarão a ser propriedade material da OA-SRN, sem prejuízo dos direitos de propriedade intelectual e artística dos seus autores, todos os elementos entregues pelos concorrentes, assim como o registo de viagem, referido em 2.2.1.a), elaborado pelo premiado.

11.2.

A OA-SRN reserva o direito de divulgar, pelos meios que entender mais convenientes, os elementos entregues pelo concorrente premiado.

11.3.

A OA-SRN reserva ainda o direito de registar, em vídeo, a conferência que vier a ser proferida pelo premiado, de acordo com o ponto 2.2.1b), dela podendo fazer uso, sem prejuízo dos direitos de propriedade intelectual e artística dos seus autores.

PONTO 12

RESPONSABILIDADES

12.1.

É da exclusiva responsabilidade da OA-SRN

- a) O anúncio público do Vencedor do Prémio;
- b) A divulgação e actualização das Perguntas Mais Frequentes (FAQ) no site da OA-SRN.
- c) A organização, elaboração e revisão do Regulamento do Prémio Fernando Távora.
- d) A comunicação a todos os interessados de qualquer alteração das datas previstas no ponto 10, através dos meios de divulgação da OA e, nos casos em que se aplique, após a entrega das candidaturas, por via electrónica a todos os concorrentes.

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

12.2.

É da exclusiva responsabilidade do Vencedor do “Prémio Fernando Távora”:

- a) Efectuar a viagem de acordo com o programa proposto e na calendarização prevista. Em caso de ser proposta uma alteração, a Organização reserva-se o direito de a não aceitar. Caso exista, o pedido de alteração deverá cingir-se apenas a questões operativas ou funcionais e ser entregue até ao dia 4 de Junho de 2015. Este pedido será analisado, num prazo de 20 dias, pelo representante da Ordem no Júri e por outro membro do Júri a designar. Sobre esta decisão não haverá recurso.
- b) Segurar qualquer risco inerente à Viagem.
- c) Produzir os conteúdos da conferência e do registo da viagem a entregar.

12.3.

O vencedor obriga-se à devolução total do prémio caso não seja realizada a viagem segundo o programa proposto e no período de tempo previsto, bem como na falta de cumprimento das competências definidas em 2.2.1.

PONTO 13

DISPOSIÇÕES FINAIS

13.1.

A participação neste prémio implica a aceitação integral do conteúdo do presente regulamento.

13.2.

Os casos omissos ou dúvidas interpretativas serão resolvidos pela OA-SRN.

**BIOGRAFIAS
DOS ELEMENTOS
DO JÚRI**

**JOÃO LUÍS CARRILHO
DA GRAÇA**

(1952), arquitecto, licenciado pela Escola Superior de Belas Artes de Lisboa em 1977, ano em que iniciou a sua actividade profissional.

Ao conjunto da sua obra foram atribuídos diversos prémios, nomeadamente: Medalha da “Académie d’Architecture”, França, em 2012; título de “Chevalier des Arts et des Lettres” pela República Francesa em 2010; “Prémio Pessoa” em 2008; Ordem de Mérito da República Portuguesa em 1999 e Prémio “AICA – Associação Internacional dos Críticos de Arte” em 1992. Foi distinguido com o “AIT Award 2012 - Transportation” em 2012 pela Ponte Pedonal sobre a Ribeira da Carpinteira, com o Prémio “Frate-Sole” pela Igreja de Sto. António em Portalegre em 2012, com o “Piranesi Prix de Rome” em 2010 pela Musealização da Área Arqueológica da Praça Nova do Castelo de São Jorge, com o “Prémio Valmor” em 2008 pela Escola Superior de Música de Lisboa, com o Prémio “FAD” em 1999 e o Prémio “Valmor” em 1998 pelo Pavilhão do Conhecimento dos Mares – Expo’98, com o “Prémio Secil de Architectura” em 1994 pela Escola Superior de Comunicação Social de Lisboa. Entre 1990 e 2013 foi nomeado e/ou seleccionado para o Prémio Europeu de Architectura “Mies van der Rohe”.

Em 2013 recebeu o grau de doutor “honoris causa” pela Faculdade de Architectura da Universidade de Lisboa.

LUÍSA TERESA MENÉRES

DE TAVARES E TÁVORA

Nasceu no Porto a 12 de Novembro de 1965. Educadora de Infância Licenciada em Ciências da Educação pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da UP, exerceu funções de Educadora de Infância na Câmara Municipal de Porto. Trabalha desde 1995 na Câmara Municipal de Lisboa, tendo coordenado a “Quinta Pedagógica dos Olivais”, um projecto de educação ambiental e tradições rurais. Coordena o “Espaço a Brincar – Uma viagem pelos Direitos da Criança” do Departamento de Desenvolvimento Social, um projecto para e com a população suportado nos princípios legais da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC). Em 2012 e com a equipa, desenvolveu um projecto de participação activa “Um Direito a (des)envolver”, com crianças, jovens e artistas nas mais variadas expressões. Em co-autoria, 310 participantes construíram 24 obras com uma temática comum: *arte e direitos da criança e do jovem*. Resultou numa exposição de 20 de Novembro a 20 de Dezembro para comemorar o 23º aniversário da CDC. Tem sempre desenvolvido a sua carreira profissional em projectos de educação *não formal* e de Educação para a Cidadania.

MANUEL BOTELHO

Manuel Tomás de Carvalho Botelho nasceu em 1939, natural de Rua, Moimenta da Beira. Concluiu uma licenciatura na Universidade Católica Gregoriana de Roma e o Curso de Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Università degli Studi della Università di Roma - La Sapienza. Visitou Angola, antes da independência, a Europa Central, de modo genérico, e a Grécia.

Docente da Escola Superior de Belas Artes de 1980 a 1985 e da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto de 1985 a 2009, na área do Projecto e Teoria da Arquitectura.

Recebeu prémios, nomeadamente o Prémio Nacional de Arquitectura Keil do Amaral, Primeiras Obras, 1989, com a casa Dr. Barroso Pires. Foi nomeado, com a casa Eng. Nunes de Sousa, para o Prémio Mies van der Rohe Pavilion, em 1994. Foi nomeado, com a casa Eng. Nunes de Sousa, em 1996, e com a casa Maia Ribeiro, em 2002, para o Prémio Sécil de Arquitectura. Participou em várias exposições, tendo sido um dos escolhidos para representar a Arquitectura Contemporânea Portuguesa, na Europália, Bruxelas, 1991, com a casa Dr. Barroso Pires.

Participou em seminários nacionais e internacionais onde apresentou a sua obra e fez comunicações.

Projectou habitações unifamiliares, algumas das quais premiadas; equipamentos sociais como espaços museológicos, um quartel de bombeiros, uma escola profissional, um hipermercado; restaurou edifícios. Projectou ainda espaços religiosos desde pequenos oratórios a igrejas paroquiais.

PEDRO DA ROCHA

VINAGREIRO

Nasceu a 26 de Novembro de 1978 em Braga, Portugal.

Em 1996 iniciou os estudos na Escola Superior Artística do Porto. Entretanto colaborou com vários estúdios de arquitectura em trabalhos pontuais dos quais se destaca o projecto de requalificação da Avenida dos Aliados no Porto, com o Eng. Jorge Nunes da Silva. Em 2000 é eleito Presidente da Mesa da Assembleia da AEESAP.

Concluiu os estudos sob orientação da Arq. Fátima Fernandes, licenciando-se em arquitectura pela ESAP, em 2002.

Posteriormente realizou o estágio de admissão para a Ordem dos Arquitectos com a Arq. Jean Pierre Porcher.

Em 2005 trabalhou em Espanha, no estúdio Scott-Arquitectos com Sanchez-Cantalejo e Tomas Esteva, com participação nos projectos seleccionados para os “Prémios de Arquitectura de Mallorca 2007-2010”; 2º Classificado nos Prémios Cidade de Palma de Mallorca “Guillem Sagrera” e 2º Prémio no Concurso de 540 apartamentos em Palma de Maiorca.

Em 2007 fundou o seu estúdio em Braga e em 2011 iniciou o programa doutoral em Arquitectura pela Escola de Arquitectura da UM.

Em 2013 é eleito Vogal do Conselho Directivo Regional Norte da Ordem dos Arquitectos exercendo actualmente o cargo de Coordenador no Pelouro da Comunicação e Cultura.

VALTER HUGO MÃE

Nasceu em Saurimo, Angola, no ano de 1971. Licenciado em Direito, pós-graduado em Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea. Vive em Vila do Conde.

Publicou cinco romances: *O filho de mil homens* (2011), *A máquina de fazer espanhóis* (2010), *O apocalipse dos trabalhadores* (2008), *O remorso de Baltazar Serapião*, vencedor do Prémio José Saramago (2006) e *O nosso reino* (2004). A sua obra poética está revista e reunida no volume *Contabilidade* (Objectiva/Alfaguara, 2010). É autor dos livros para os mais novos: *O rosto* (Agosto 2010), *As mais belas coisas do mundo* (Agosto 2010), *A verdadeira história dos pássaros* (2009) e *A história do homem calado* (2009).

Escreve a crónica *Autobiografia imaginária* no Jornal de Letras.

Valter Hugo mãe é vocalista do grupo musical Governo e esporadicamente dedica-se às artes plásticas. Letrista dos músicos/projectos Mundo Cão, Paulo Praça, Indignu, Salto, Frei Fado Del'Rei, Blandino e Eliana Castro.

Recebeu, em 2009, o troféu *Figura do Futuro*, atribuído pelo Correio da Manhã. Recebeu, em 2010, a Pena de Camilo Castelo Branco. Em 2010 recebeu a Medalha de Mérito Singular de Vila do Conde.

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA

ORGANIZAÇÃO

OASRN PELOURO DA CULTURA E COMUNICAÇÃO

Pedro da Rocha Vinagreiro
Tiago Branco Sampaio
Adriana Castro – Assessoria

PELOURO DA ENCOMENDA

Cláudia Antunes
Pedro Cunha
Sara Azevedo – Assessoria

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO

Carolina Medeiros
comunicacao@oasrn.org
222 074 253

PARCERIA

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

Guilherme Pinto – Presidente da Câmara
Fernando Rocha – Vereador da Cultura

CASA DA ARQUITECTURA

Nuno Sampaio – Director Executivo
Carla Barros – Coordenação

CONTACTOS

ORDEM DOS ARQUITECTOS SECÇÃO REGIONAL NORTE

Rua D. Hugo, 5-7
4050-305 Porto
222 074 251
cultura@oasrn.org
www.oasrn.org

CÂMARA MUNICIPAL DE MATOSINHOS

Avenida Joaquim Neves dos Santos
4450 Matosinhos
mail@cm-matosinhos.pt
www.cm-matosinhos.pt

CASA DA ARQUITECTURA

Rua Roberto Ivens, nº 582
4450 – 248 Matosinhos
info@casadaarquitectura.pt
www.casadaarquitectura.pt

DESIGN

Rui Silva | www.alfaiataria.org

ORGANIZAÇÃO



ORDEM DOS ARQUITECTOS
SECÇÃO REGIONAL DO NORTE

NORTE 41°

PARCERIA



CASADARQUITECTURA

PATROCINADOR DO PRÉMIO

redefinimos / standards



FUNDADORES NORTE 41° OURO

OSVALDO/MATOS



Tintas Robbialac S.A.

KNAUF

FUNDADORES NORTE 41° PRATA



Cavalho, Batista & Cª. Sa.
Rua do Armado 25, 19. 50 Porto



papÉLIA

PRÉMIO FERNANDO TÁVORA 2014/2015
FORMULÁRIO DE CANDIDATURA

NOME COMPLETO

FILIAÇÃO

DATA DE NASCIMENTO

LOCAL DE NASCIMENTO

NACIONALIDADE

ESTADO CIVIL

BI/CC/PASSAPORTE

ARQ.º IDENTIF.

DATA EMISSÃO

DATA VALIDADE

NIF

RESIDÊNCIA PERMANENTE

CÓD. POSTAL

TELEFONE/TELEMÓVEL

E-MAIL

N.º DE MEMBRO DA ORDEM DOS ARQUITECTOS

MORADA ACTUAL

CÓD. POSTAL

ENDEREÇO DO LOCAL DE TRABALHO

CÓD. POSTAL

TELEFONE

E-MAIL

CONTACTO EM CASO DE URGÊNCIA (NOME, RESIDÊNCIA, TELEFONE, E-MAIL)

Este formulário deverá ser apresentado no acto de entrega da proposta, devidamente preenchido, de modo a que possa ser validado e funcione como comprovativo da entrega (alínea 5.3. do regulamento)

DECLARO QUE AS INFORMAÇÕES QUE PRECEDEM SÃO COMPLETAS E EXACTAS

, DE DE ASS.

A PREENCHER PELOS SERVIÇOS

N.º DE ENTRADA

DATA/HORA